

AS HISTÓRIAS INFANTIS COMO PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Maria Ruth Scalise Taques Fonseca*

Resumo: Este artigo relata uma experiência em sala de aula em que as histórias infantis serviram como ponto de partida para o aprendizado de língua francesa e também para o despertar dos alunos para as relações que se estabelecem entre o “eu”, o “outro” e o “mundo”. Apresenta também elementos que possibilitaram o desenvolvimento de uma ação transformadora no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem, visando compreender a maneira como ocorre sua efetivação no ambiente escolar, quando são desenvolvidos e estabelecidos relacionamentos educacionais de prazer, afetividade e motivação.

Abstract: This article relates a classroom experience in which fairy tales were a starting point for the learning of the French language and also for making the students aware of the relation that can be established among “me”, “the other” and “the world”. The elements that made the development of a transforming action possible are also presented in order to enhance the understanding of the teaching/learning process and the way it occurs in schools, when educational relationships are developed in terms of pleasure, affection and motivation.

Palavras-chave: histórias infantis; língua estrangeira; cidadania; motivação

Key words: fairy tales; foreign language; motivation; citizenship

1. Introdução

Este artigo tem por finalidade a apresentação de uma proposta de trabalho desenvolvida dentro do Projeto APELF – Apoio ao ensino de língua francesa, aplicado a alunos do curso fundamental, em escolas da rede municipal de ensino da cidade de Ponta Grossa, Paraná. Este Projeto procura desenvolver uma ação transformadora

* Universidade Estadual de Ponta Grossa

na construção do processo de ensino/aprendizagem, visando compreender de que maneira ocorre sua efetivação no ambiente escolar, quando são desenvolvidos e estabelecidos relacionamentos educacionais de prazer, afetividade e motivação, tendo como ponto de partida as aulas de língua francesa.

É importante que se procure despertar o aprendiz para a sua condição de sujeito no mundo, para a existência do outro e para a sensibilização à língua estrangeira, dentro de uma perspectiva que privilegie, além da competência lingüística, a competência pragmática. A partir do momento em que o aluno identifica e reconhece países, línguas e realidades diversas, passa também a perceber a importância do outro no mundo e conseqüentemente desperta para a importância da própria existência, conscientizando – se de sua condição de cidadão.

Não podemos conceber o ensino/aprendizagem de uma língua pelo enfoque único e exclusivo de questões referentes às normas estabelecidas para o uso da mesma. O código lingüístico utilizado por um povo está intimamente ligado às questões sócio-histórico – culturais que permearam e permeiam sua trajetória e seu desenvolvimento. Portanto, a preocupação em se trabalhar somente questões de ordem gramatical ou mesmo questões aceitas pela norma padrão, não significa que se está desenvolvendo o aprendizado de uma língua.

Além disso, acreditamos que todas as disciplinas constantes da grade curricular das escolas deverão estar inter-relacionadas. A interdisciplinaridade poderá favorecer o estabelecimento consciente das relações que existem entre os diversos campos do saber. Ao introduzirmos o ensino de língua francesa na escola fundamental procuramos estimular o desenvolvimento do processo cognitivo como um todo.

O conhecimento prévio do aluno no que se refere à língua portuguesa e ao mundo em que vive será o ponto de partida para o trabalho em língua estrangeira, bem como também objeto de desenvolvimento e aprimoramento tanto no que se refere à oralidade quanto à escrita, tanto em língua materna (LM) quanto em língua estrangeira (LE). O desenvolvimento de um trabalho integrado entre o aprendizado de LM e de LE poderá favorecer o estabelecimento de uma ação transformadora bem como o aprimoramento qualitativo do processo de ensino/aprendizagem.

2. Fundamentação teórica

O ensino/aprendizagem de uma LE contribui para o enriquecimento do processo educativo de maneira ampla, visto que conduz a uma nova percepção da natu-

reza da linguagem, aumentando a compreensão de seu funcionamento e desenvolvendo uma maior consciência do funcionamento da LM.

Um aprendiz não parte nunca do zero mas sim, de representações prévias, construindo-se por ajustes sucessivos e confrontações entre noções vizinhas¹. Danielle Moore (1995:27) considera que

em vez de retardar o trabalho propriamente dito sobre a língua alvo (quer se trate de língua materna, língua estrangeira ou ambas), a reflexão e a análise consciente do funcionamento de outros sistemas vão favorecer o distanciamento em relação ao código lingüístico, para propiciar uma melhor apropriação. Propõe-se, portanto, aos aprendizes o estabelecimento de um “estado de alerta”, uma reflexão dinâmica e espontânea em relação à língua e à linguagem, através da observação, da descoberta e da manipulação².

O papel do ensino de LE, bem como o do professor enquanto co-construtor do conhecimento do aluno, assumem uma grande importância no que diz respeito à formação escolar, visto que a lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB- nº 9394/96, favoreceu uma nova reflexão sobre a importância das LEs no currículo escolar. Assim, nos <<Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Línguas Estrangeiras>> (PCNs), são definidas as concepções sócio-cognitivo-culturais que favorecem uma nova visão, em relação ao ensino/aprendizagem de LE. Nos PCNs (1998:37), encontramos a afirmação de que:

Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, (...) o ensino de LE contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão das culturas estrangeiras. O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros países, diriam em determinadas situações leva, portanto, à compreensão tanto das culturas estrangeiras como da materna.

Segundo Vygotsky (1991), a aquisição da linguagem se dá num processo ativo de interação social. Afirma também este autor que a interação com o mundo

¹ Referimo-nos a línguas de origem latina.

² Optamos por uma tradução própria do texto a seguir: “loin de parasiter ou retarder le travail proprement dit sur la langue cible (qu’il s’agisse de la LM ou de la LE) la réflexion ou l’analyse consciente, par exemple des fonctionnements d’autres systèmes comparés à ceux de la LM, vont favoriser la distanciation par rapport au code, pour mieux se l’appropriier. On propose ainsi aux apprenants des corpus linguistiques susceptibles de favoriser chez eux un “état d’alerte à la langue”, une réflexion dynamique et spontanée face aux faits langagiers, par l’observation, la découverte et la manipulation”.

físico e com o objeto do conhecimento é importante, mas é principalmente pela interação com o outro que se constrói o conhecimento relativo à linguagem.

Assim, o ensino/aprendizagem deve ser visto como sendo um processo dinâmico de construção do conhecimento, no qual aprendizes e professores participam de maneira interativa na construção de um conhecimento conjunto. Este processo é longo e não linear, sendo formado por idas e vindas, por construções e reconstruções.

Paulo Freire (1988) afirma que as práticas educativas se produzem dentro de contextos histórico, social, cultural, econômico e político. O momento histórico em que vivemos demanda que a escola caminhe de acordo com os valores sociais vigentes, levando em consideração as transformações sociais, econômicas, científicas e tecnológicas, sendo portanto necessária uma constante adaptação da escola à realidade vigente.

Um outro fator de relevância para a introdução do aprendizado de LE no curso fundamental deve-se a características de ordem biológica e consiste no fato de que, no cérebro humano, o lobo temporal responsável pela decodificação dos sons e o lobo frontal, que se ocupa da emissão dos mesmos, estão em formação até cerca de 12 anos de idade. Esta fase é, portanto, a ideal para se favorecer a sensibilização a uma nova língua, pois com essa prática estabelece-se um aumento das relações entre os neurônios, bem como ocorre o favorecimento da retenção e articulação de fonemas diversos dos existentes na LM.

O neurologista Luís Celso Vilanova da Universidade de São Paulo afirma que quanto mais cedo começamos o aprendizado de uma LE, melhor será o aproveitamento pois

nós nascemos com uma capacidade enorme de identificar sons. Se não somos expostos a alguns deles nos primeiros anos de vida, a tendência é descartá-los. Por isso, é bom que a criança tenha chance de escutar outro idioma o mais rápido possível. (Revista Saúde, p. 88)

Além disso, a educação deve se preocupar em despertar o aprendiz para sua condição de sujeito no mundo em que vive. Pedro Demo (Fórum, educação, cidadania e sociedade, p. 21) afirma que em relação à cidadania é “a educação importante para termos um sujeito do desenvolvimento e não um objeto do desenvolvimento, um objeto do crescimento, uma massa de manobra que pode ser manipulada”. É através do conhecimento do “eu” e do conhecimento do “outro” que o ser humano pode estabelecer suas escolhas, suas opções.

Outro ponto importante que deve ser enfatizado pela educação, refere-se à questão do conhecimento. Diz o autor acima citado (idem) que “a educação não coincide com o conhecimento mas tem uma relação umbilical com ele”. Acrescenta ainda que:

O conhecimento só é novo se não for transmitido, se for refeito, se for reconstruído, se for construído. A escola precisa, assim, trabalhar com o conhecimento e não com a transmissão do conhecimento.

Dentro desta perspectiva, acreditamos que a educação deve estabelecer relações entre o saber e a vida a fim de estimular a construção do conhecimento. Para que isto aconteça é preciso que o aprendiz participe ativamente de sua aprendizagem. Essa participação, entretanto, vai depender do interesse manifestado em relação à aprendizagem e, em geral, o que se aprende na escola não tem relação de interesse direto com a vida. Como falta interesse, torna-se mais difícil a efetivação do aprendizado.

Para Demo (idem p.22)

ser professor não é ministrar aula, é cuidar que o aluno aprenda. (...) O professor tem que fazer com que o aluno pesquise, elabore, argumente, construa, participe, fazer com que ele entre na engrenagem do conhecimento; não fique simplesmente copiando macetes, receitas.

As reflexões sobre a atuação do professor, a construção da cena discursiva institucionalizada, a forma de interação dos sujeitos e a efetivação da enunciação poderão facilitar a compreensão das relações que existem entre esses diversos elementos. Além disso, o questionamento sobre o cotidiano escolar, poderá favorecer o estabelecimento de uma ação transformadora através da qual a escola possa se tornar um espaço onde realmente se efetive a construção do conhecimento pois os alunos serão despertados para o estabelecimento de relações entre o saber e a vida .

3. Construindo a nossa prática

Para desenvolver a aplicação do Projeto APELF, foram realizadas reuniões semanais de cerca de 4 horas, no ano de 2002, durante as quais foram discutidas as questões teóricas acima enfocadas, dentro de um processo de reflexão conjunta e de tomada de posição frente às mesmas. Participaram de todo esse processo as estagiárias e professoras que trabalham a língua francesa com crianças de 06 a 10 anos, e a

coordenadora do projeto.

Conscientes da importância e da responsabilidade do professor, principalmente daquele inserido no curso fundamental, no que se refere à formação do ser humano, procuramos desenvolver um trabalho que possibilitasse o despertar do aprendiz para o prazer do conhecimento para a reflexão sobre conceitos de ordem moral, ética, social entre outros, para questões relativas à cidadania ou seja o “eu”, o “outro” e o “mundo” e as relações que podem e devem se estabelecer entre esses três elementos, a partir de aulas de língua francesa.

Um dos grandes problemas que observamos em nossos alunos é que, devido à desagregação da família, ou devido ao fato de que, mesmo quando ela está presente, pouco tempo têm pai e/ou mãe para a convivência, para a conversa, a troca de experiências, o diálogo e conseqüentemente para a formação das crianças. Inúmeros fatores conduzem a esta situação, como por exemplo o trabalho fora de casa, a televisão, a substituição do “ser” pelo “ter” face ao consumismo exagerado etc.

Depois de reflexões sobre as questões teóricas passamos a nos preocupar com o material didático a ser utilizado pois seria necessário que ele ajudasse a estabelecer um elo de coerência entre a teoria que nos dava suporte e a prática em sala de aula. Decidimos, finalmente, trabalhar com histórias infantis, visto que elas oferecem possibilidades variadas de ação pois, desenvolvem o imaginário das crianças, aguçam sua curiosidade, possibilitam o estabelecimento de relações entre o imaginário e a vida e possuem vários conceitos como orientadores da trama. Além disso, foram feitos questionamentos junto aos alunos e percebemos que esta atividade atraía a maioria das crianças.

Nossa escolha recaiu sobre uma história para crianças, muito contada na França – “La sorcière de la rue Mouffetard” (A bruxa da rua Mouffetard). Tal decisão se baseou no fato de que, a partir da história poderíamos despertar os nossos ouvintes para questões de localização espacial, tanto em relação à história (Onde fica a rua Mouffetard? Em que cidade? Como é a rua? Que língua fala a “sorcière”) quanto a sua própria localização no mundo (e você, onde mora? Como é sua rua? Seu bairro? Sua cidade? Que língua você fala?). Iniciaríamos também a sensibilização à língua francesa, pois perguntas poderiam ser feitas em francês, como por exemplo: “Elle s’appelle la sorcière, je m’appelle..... et toi?”³. Desencadearíamos, a partir do início da narrativa em português, o nosso trabalho em língua francesa (LF) cuja intro-

³ Ela se chama Bruxa, eu me chamo e você?

dução passaria inicialmente pela língua materna, levando sempre em conta que o que fosse apreendido em LE somente seria falado em LE, não mais em LM.

A história escolhida também propiciava outros questionamentos pois, através dela, as crianças tomariam conhecimento de que existem outras maneiras de organização de uma cidade, no que se refere ao tipo de comércio estabelecido e assim passariam a conhecer organizações diferentes daquelas com as quais estavam habituadas. Poderiam ser pesquisadas várias profissões citadas na história, feitos questionamentos sobre as profissões dos pais, familiares e amigos, bem como levantamento das que estão mais presentes nas famílias dos alunos. A história poderia proporcionar uma reflexão sobre as diversas atividades e as diferenças existentes entre as profissões, no Brasil e na França.

Em relação aos conceitos veiculados, foram levantados aqueles que nos pareciam mais importantes: na trama, o conceito de feio e de mau estão interligados. Será que na nossa vida podemos aliar o feio ao mau? O que é belo? O que é feio? Será que todos nós temos uma concepção idêntica de bom e mau, de belo e feio? Como podemos perceber o mal no mundo em que vivemos? Como podemos combatê-lo? Também encontramos na narrativa questões relativas ao conceito de obediência e poderemos ter momentos de reflexão e de troca entre os sujeitos da aprendizagem. Assim, o professor poderá desencadear uma discussão sobre o que vem a ser “obediência” e quais as suas conseqüências. Também podem ser propostas perguntas aos alunos como por exemplo: Será que devemos sempre obedecer? Quais as conseqüências de uma desobediência? E em relação à responsabilidade, como devemos agir quando obedecemos ou não obedecemos?

As reflexões sobre a própria identidade, sobre a identidade do outro, as relações humanas, aspectos psicológicos e emocionais que norteiam o comportamento das pessoas, enfim o questionamento sobre o auto-conhecimento e o conhecimento do outro vão possibilitar o despertar para o mundo e o aperfeiçoamento das relações que se estabelecem entre esses três elementos – o “eu”, o “outro” e o “mundo”.

No que se refere ao aprendizado de LF, estabelecemos um fio condutor que nos pudesse orientar e que poderia ser seguido qualquer que fosse a história que utilizássemos em classe. Também poderíamos variar o trabalho com os alunos, utilizando para fixação da LF, canções, desenhos, colagens, mímica, teatro etc.

Entretanto, é importante frisar que se deve estar sempre atento para não procurar esgotar todos os elementos que possam estar contidos em uma única história. A criança cansa-se facilmente e portanto devemos nos ater a alguns elementos,

somente. Variando as histórias, variando o modo pelo qual se faz a abordagem em aula, poderemos estar atraindo a atenção e a curiosidade infantil e colaborando para a construção da conhecimento.

4. Considerações finais

Percebemos, após o término do ano letivo, que o fato de utilizarmos histórias infantis em nossas aulas tinha atraído a atenção e o interesse das crianças. O entusiasmo que elas demonstravam pela história narrada, os comentários que faziam às situações propostas, as reflexões estabelecidas durante o desenvolvimento da trama contribuíram para reforçar a suposição de que as crianças gostam muito de histórias. Mesmo fora do horário das aulas, várias crianças retomaram, informalmente, conceitos que tinham sido trabalhados em classe e os aplicavam a sua vida e à dos colegas. Muitas vezes, diziam que tinham narrado o fato para os familiares, fazendo-os também refletir sobre o que tinha sido discutido na escola.

Em relação ao conceito de cidadania, houve um despertar dos alunos para sua condição de cidadão, sujeito de direitos e deveres. A reflexão sobre os conceitos contidos na trama possibilitaram que as questões referentes a esse tópico fossem motivo de discussão entre os alunos. Puderam eles também perceber que ocorrem situações diferentes nas diversas partes do mundo e que o fato de serem diferentes não deve provocar rejeição, mas sim curiosidade, interesse.

O diferente causa, em geral, repúdio, pelo fato de não ser conhecido, por provocar medo, estranheza. Entretanto é justamente ele que possibilita o questionamento, a ruptura com o que está estabelecido e conseqüentemente o crescimento do ser humano, pois possibilita escolhas, novas opções e possibilidades várias de ação. Puderam os alunos perceber que todos nós vivemos em um mesmo mundo e que as ações de uns influenciam na vida de outros. A tomada de consciência sobre a importância da vida humana possibilita que se estabeleçam relações que levem a um crescimento e a uma maior interação entre os povos. O respeito ao direito dos outros de pensar ou de ser diferente não é um ato espontâneo e precisamos ensinar as crianças a conviver com a variedade e compreender e aceitar a diversidade.

Também ocorreu uma sensibilização para a LF, pois as crianças aprenderam canções e poesias, passando a ter contato com outros sons, com uma outra melodia e um outro ritmo de fala. Aprenderam também sobre um outro povo, que fala uma outra língua e que tem hábitos e costumes diferentes daqueles a que estão habitua-

dos. Descobriram em determinados momentos, de que maneira uma cultura pode influenciar na vida de outros povos, através da descoberta de elementos estrangeiros presentes no seu dia-a-dia.

Podemos afirmar, partindo de nossas observações, que as histórias infantis apresentam possibilidades variadas para o trabalho em sala de aula, podendo ser uma grande aliada no processo de construção do conhecimento. Além de propiciarem momentos de entretenimento, aliados a momentos de reflexão e de crescimento cognitivo, possibilitam também que, dentro da perspectiva a que nos propusemos, pudéssemos desenvolver relacionamentos educacionais em que o prazer, a motivação e a afetividade funcionassem como molas propulsoras da aprendizagem.

Referências

- ALVES, RUBEM. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1984.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BECKER, Fernando. *Epistemologia do Professor*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CASTELLOTTI, V. “Langue étrangère et français en milieu scolaire: didactiser l’alternance?”. *Études de Linguistique Appliquée*. 108, 1997, p.401-410.
- DABÈNE, L. 1993. “Rôle de la LE dans l’activité de compréhension écrite en LE voisine”. *La lettre de l’association DFLM* 13, p.19-23.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GASPARETTO, L.A. *Se liga em você*. São Paulo: Vida e Consciência Editora, 2001.
- GRIPARI, P. *La Sorcière de la rue Mouffetard et autres contes*. Paris: Gallimard, 1999.
- MASUR, Jandira. *O frio pode ser quente*. Atica, 1999.
- MOORE, D. “Éduquer au langage pour mieux apprendre la langue”. *Babylonia* 2, 1995 p. 26-35.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Língua Estrangeira. 1998. Brasília: Min. da Educação e do Desporto/ Secretaria da Educação Fundamental.
- REVISTA SAÚDE. Luis Celso Vilanova, São Paulo: Abril /Junho 2001.
- OLIVEIRA KOHL, M. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Sumus, 1992.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

UNILETRAS 24, DEZEMBRO 2002